ASSÉDIO NA ESCOLA

Gilmar Santana

Instituição: UFRN

Email: gsfz@hotmail.com

Augusto César Fonseca Vieira

Instituição: E. E. Prof. Anísio Teixeira

Email: professordesociologia@hotmail.com

Ementa:

Os avanços das lutas sociais em favor do reconhecimento e respeito acerca da diversidade de gênero, sejam estas no campo do trabalho, da cultura ou do comportamento, têm repercutido diretamente nas formas cotidianas de vivenciar a sexualidade. Ainda que pesem os muitos conflitos e reações adversas diante de um “tema tabu”, o que se presencia são ações mais abertas ao exercício dos afetos, sobretudo em relação à décadas anteriores. O jogo de forças envolvendo impulsos, desejos e normais sociais (leis e moral) coloca em pauta a necessidade de discussões amplas sobre que valores podem ser debatidas novas demandas que favoreçam reconfigurar o quadro das relações sociais. Esse contexto vem sendo cada vez mais evidente nas escolas em geral. No ensino médio – em razão da própria faixa etária dos estudantes – estes fatos se tornam cada vez mais recorrentes quando se depara com a questão do assédio. Situações que desestabilizam professores, estudantes, estagiários, bolsistas e funcionários têm revelado que pela ausência de diálogo e problematização sobre elas, criam-se medidas imediatistas que em geral não tocam em suas verdadeiras causas. Entendemos que antes desse panorama se transformar num dilema pessoal ou simplesmente moralista, cabe aos envolvidos nessas questões juntamente com as Ciências Sociais garantir visibilidade e organicidade a seu debate. Nesses termos, este Grupo de Trabalho se propõe a objetivar e receber propostas sobre experiências e diagnósticos estudados em torno de: o que se configura como assédio? Como problematizar a sexualidade, transformando sua reflexão em compreensão das construções sociais? Quais os limites entre normas sociais e relações pessoais? Que horizontes se vislumbrar e sistematizar para que novas relações se estabeleçam em bases mais humanizadas haja vista que todas transitam entre as individualidades e as instituições? Como pensar planos de políticas públicas cotidianas para esta questão considerando-se que já no governo federal existe essa discussão em vários níveis que se entrecruzam? Quais as particularidades para estes aspectos no Rio Grande do Norte? Como organizar fóruns (locais, municipais e estaduais) , recursos político-afetivo-didáticos que garantam a democratização desses anseios em seus vários níveis, tanto etários como de classe social?